



20 DE JANEIRO 2009
Terça-feira

- HORAS TRABALHADAS E EMPREGO NA INDÚSTRIA TÊM QUEDA RECORDE
- DESEMPREGO RECORDE NO BRASIL E NO PARANÁ ATINGE TODOS OS SETORES
- DEMISSÕES CHEGAM A 654 MIL EM DEZEMBRO
- PARANÁ PERDEU QUASE 50 MIL VAGAS EM DEZEMBRO
- ESPECIALISTAS VÊM DEMISSÕES AINDA RESTRITAS
- PARA GERENTE-EXECUTIVO DA CNI ALTERNATIVAS FLEXÍVEIS PODEM EVITAR DEMISSÕES
- VENDA DA INDÚSTRIA CAI 9,9% EM NOVEMBRO ANTE OUTUBRO DIZ CNI
- INDÚSTRIA ESPERA CORTE VIGOROSO NOS JUROS, AFIRMA PRESIDENTE DA CNI
- 'INFLAÇÃO DAS FÉRIAS' É A MAIS ELEVADA EM QUATRO ANOS
- LULA DIZ A CENTRAIS QUE SE REUNIRÁ COM BANCOS PÚBLICOS PARA DISCUTIR SPREAD
- ARCELOR MITTAL SUSPENDE CONTRATO DE 1,3 MIL EM BH

FIAT FICARÁ COM 35% DA CHRYSLER EM PARCERIA DE TECNOLOGIA E VENDAS

Câmbio		
Em 19/01/2009		
	Compra	Venda
Dólar	2,329	2,330
Euro	3,065	3,067

HORAS TRABALHADAS E EMPREGO NA INDÚSTRIA TÊM QUEDA RECORDE

20/01/2009 – Estadão

Os indicadores da Confederação Nacional da Indústria (CNI) relativos a novembro confirmam a tendência de queda da produção industrial provocada pela crise econômica internacional. As horas trabalhadas na indústria registraram queda de 1,5% em novembro ante outubro, a maior desde o início da série histórica, em janeiro de 2003. No confronto com novembro do ano passado, porém, o número é positivo, em 1,4%.

O mesmo recorde negativo foi verificado no índice de emprego na indústria, que caiu 0,6% em novembro ante outubro. O emprego, porém, registrou crescimento de 2,9% na comparação com novembro de 2007.

Já o faturamento real do setor, segundo a pesquisa, recuou 9,9% em novembro em comparação com outubro na série com ajuste sazonal. Na comparação de novembro com igual período de 2007, houve queda de 7%.

Capacidade

O Nível de Utilização da Capacidade Instalada da Indústria (Nuci) caiu um ponto percentual em novembro em relação a outubro, passando de 82,6% para 81,6% na série dessazonalizada. Na comparação com novembro de 2007, o recuo é ainda maior, já que, naquele mês, a indústria operava a 83,4% de sua capacidade instalada.

Com a redução da atividade causada pela crise econômica, o Nuci recuou em novembro ao mesmo patamar registrado em fevereiro de 2007. De acordo com o banco de dados dos indicadores industriais da CNI, o recuo do Nuci de outubro para novembro, de um ponto percentual, foi o maior da série histórica da CNI, iniciada em janeiro de 2003. "A queda da utilização acompanha o recuo do faturamento", analisou o economista-chefe da CNI, Flávio Castelo Branco.

Setores

Ele destacou que os setores mais atingidos pelo agravamento da crise no último trimestre de 2008 foram veículos automotores, metalurgia básica, máquinas e equipamentos e alimentos e bebidas. Apenas esses setores responderam por 62% de toda a queda de faturamento da indústria entre outubro e novembro. Eles também foram responsáveis por 48% do recuo das horas trabalhadas nessa mesma comparação. "Veículos e máquinas são setores que vinham apresentando as maiores taxas de crescimento ao longo do ano e são muito sensíveis ao crédito. A queda na atividade das máquinas sinaliza ainda um recuo no nível de investimentos", disse.

Outro dado revela bem a brusca freada ocorrida nesses setores mais dependentes de crédito: as montadoras registraram uma redução no faturamento real de 29,5% de outubro para novembro, a maior entre os setores analisados pela CNI, na série sem ajuste. Por outro lado, no acumulado de janeiro a novembro, o setor está entre os que tiveram as maiores altas nas vendas, de 17,5%, basicamente por conta do desempenho nos três primeiros trimestres do ano.

Castelo Branco reconheceu que os efeitos da crise no setor produtivo se mostraram mais intensos do que era esperado, mas, por outro lado, disse ele, isso pode significar que a crise se concentre mais no tempo e tenha uma duração menor.

O único índice a manter a tendência de alta no mês, segundo a CNI, foi a massa salarial real paga pelas empresas industriais, que cresceu 3,4% em novembro em relação a igual período de 2007.

Acumulado

No acumulado do ano, os indicadores permanecem positivos. O faturamento da indústria registra alta de 6,4% de janeiro a novembro em relação aos mesmos 11 meses do ano anterior. Já as horas trabalhadas tiveram crescimento de 5,6% em relação a igual período de 2007.

Além disso, no acumulado de janeiro a novembro, o índice de emprego é positivo em 4,2%.

DESEMPREGO RECORDE NO BRASIL E NO PARANÁ ATINGE TODOS OS SETORES

19/01/2009 – Gazeta do Povo

Tragado por uma onda de demissões inédita na indústria brasileira, o mercado de trabalho formal encolheu em dezembro e registrou seu pior desempenho nos últimos dez anos. No mês passado, foram fechadas em todo o país 654.946 vagas com carteira assinada. “Em termos absolutos e relativos, é o pior dezembro da história”, admitiu o ministro do Trabalho, Carlos Lupi. Apesar de a redução ter afetado todos os setores, o maior estrago ocorreu na indústria de transformação, que perdeu 273.240 vagas. Só no Paraná, o setor demitiu 25,4 mil trabalhadores, quase a metade das 49,8 mil demissões registradas no estado no mês passado.

Em todo o país, o fechamento de empregos no setor foi quase o dobro do mesmo mês de 2007 e acendeu a luz vermelha no governo, que considera a indústria o “principal foco” dos abalos provocados pela crise mundial. O subsetor de produção de alimentos e bebidas foi o mais atingido pelas demissões e eliminou, em apenas um mês, 109.696 vagas.

Na avaliação do Ministério do Trabalho, os segmentos de suco de laranja e sucroalcooleiro aparecem entre os maiores perdedores. Por serem exportadores, foram fortemente sacudidos pela queda na demanda mundial por produtos. O mesmo ocorreu com os segmentos de calçados, borracha e couro e moveleiro, que fecharam o ano de 2008 com saldo negativo de empregos.

“Os estoques da indústria estavam muito elevados e o número de empregos gerados nos últimos meses, muito alto. Por isso, houve uma queda maior do que em todos os outros setores”, declarou o ministro do Trabalho, acrescentando que dezembro foi o pior mês da história para o emprego na indústria.

Os reflexos disso atingiram diretamente o maior estado empregador do país. São Paulo perdeu em dezembro 285.532 postos de trabalho, o que representa 44% do total de vagas fechadas no mês. O redução no nível de emprego se deu principalmente no interior do estado. Todas as regiões do país tiveram saldo negativo no mês.

Os resultados do Cadastro Geral dos Empregados e Desempregados (Caged) divulgados ontem por Lupi sepultaram os planos do ministro de anunciar para 2008 o melhor resultado da história do emprego formal.

Ao longo do ano passado, ele chegou a projetar a geração de 2 milhões de postos em 2008. O saldo do ano, com o tombo em dezembro, ficou em 1,452 milhão. "O número de dezembro não surpreendeu, mas desagradou. Ninguém gosta de aumento do número de demissões."

Em dezembro de 2007, foram fechadas 319.424 vagas. Considerando a série histórica do Caged, o pior desempenho anterior ao de 2008 foi o de dezembro de 2004, com o fechamento de 352.093 vagas.

Retração

No setor de serviços, a retração no mercado em dezembro provocou a perda de 117.128 empregos. Na construção civil, foram 82.432 – mais que o triplo do saldo negativo de dezembro de 2007. O número de demissões na agricultura também foi alto, mas o ministério explica que o mercado de trabalho no campo tradicionalmente encolhe em dezembro. Em 2007, ficou negativo em 121 mil vagas, enquanto em 2008 o corte chegou a 134.487 postos.

Já no comércio, embora a perda de postos tenha ficado próxima de 15 mil, o número costuma ser positivo por conta das festas de fim de ano.

Para Lupi, os setores que mais preocupam e vão exigir medidas por parte do governo são a indústria e a construção civil. Em reunião com o presidente Lula, o ministro sugeriu iniciativas, mas não quis antecipar o teor de suas propostas.

DEMISSÕES CHEGAM A 654 MIL EM DEZEMBRO

20/01/2009 – O Estado do Paraná

O ritmo das demissões registradas em dezembro desagradou ao governo, que deve acelerar as medidas para atenuar a perda de postos de trabalho. O corte de 654.946 trabalhadores com carteira assinada registrado pelo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) no mês passado corresponde ao pior resultado para esse período desde 1992.

O ministro Carlos Lupi, do Trabalho e Emprego, atribui o desempenho à falta de crédito, que afetou principalmente o setor da construção civil, e aos estoques elevados na indústria de transformação.

O País fechou 2008 com a criação de 1.452.204 novos empregos com carteira assinada, desempenho abaixo do 1,617 milhão de 2007. O ministro espera ainda mais resultados "fracos" em janeiro e fevereiro, mas aposta na retomada do nível de emprego a partir de março.

De acordo com projeções da LCA Consultores, a abertura de vagas formais no mercado de trabalho vai cair ainda mais e registrar em 2009 o pior desempenho em seis anos. A abertura de postos com carteira assinada deve ficar em 900 mil vagas no ano – no menor resultado desde 2003 –, após atingir 1,4 milhão no ano passado.

Representantes das principais centrais sindicais reuniram-se ontem com o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, e reivindicaram o corte da taxa Selic, como forma de estimular a atividade econômica. Os sindicalistas saíram com a promessa de

Lula de aumentar o salário mínimo de R\$ 415 para R\$ 465 a partir de 1 de fevereiro e de redução do spread bancário.

A Central Única dos Trabalhadores (CUT) deve iniciar a partir de hoje manifestações de rua e em portas de fábrica "para chamar a atenção da sociedade para a questão do emprego", afirmou Artur Henrique Silva, presidente da entidade.

a6 e a7(Gazeta Mercantil/1ª Página - Pág. 1)(Ayr Aliski, Ana Carolina de Oliveira, Bruno De Vizia e Ana Carolina Saito)

PARANÁ PERDEU QUASE 50 MIL VAGAS EM DEZEMBRO

20/01/2009 – O Estado do Paraná

O Paraná perdeu 49.822 vagas de trabalho formal em dezembro passado, uma queda de -2,34% no mês, na comparação com novembro, que já vinha registrando baixos níveis no emprego. Foram registradas, no mês, 61.475 admissões e 111.197 demissões.

Esse o terceiro pior resultado do País, atrás apenas de São Paulo, com 285,5 mil vagas cortadas e de Minas Gerais, que perdeu 88,1 mil vagas. Os dados são do Caged (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados) e foram divulgados ontem pelo Ministério do Trabalho. Em todo País, no mês de novembro foram fechadas 654,9 mil vagas formais, o dobro da média do mês. Em 2007 as demissões líquidas foram de 391,4 mil e em 2006 haviam sido de 317,49 mil.

Os piores resultados no Estado foram registrados na Agricultura, com perda de 6.813 vagas (-5,78%); na Indústria de Transformação, com 25.400 vagas fechadas (-4,10%); na Construção Civil com perda de 3.610 oportunidades de trabalho (-4,54%); no Comércio, que teve perda de 2.784 vagas (-0,56%) e na Administração Pública, com perda de 1.281 vagas (-3,59%). Serviços registrou a perda de 9.936 vagas, menos 1,35%.

O resultado de dezembro, no Paraná, porém, não impediu que o Estado registrasse um dos melhores percentuais de emprego no acumulado do ano, na comparação com outras unidades da Federação.

O Estado criou 110.903 novas vagas (alta de 5,69%), impulsionado principalmente pela Construção Civil (alta de 18,79%, 13.713 novas vagas), Indústria (crescimento de 3,83%, 21.797 novas vagas), Comércio, alta de 7,23% (33.067 novas oportunidades de trabalho), Serviços, com crescimento positivo de 5,23% (35.686 novos empregos) e Agricultura, com alta de 5,86%, um total de 6.080 novas vagas de trabalho. Entre os estados do Sul ficou em melhor posição. Santa Catarina apresentou alta de 5,07% e o Rio Grande do Sul de 4,60%.

País

A crise derrubou as expectativas do governo de bater mais um recorde anual na criação de empregos. Em 2008 o número de novas vagas formais somou um estoque 1.452.204 postos, total inferior aos 1.617.392 referente ao montante histórico gerado em 2007, o que significa uma retração 10,2%. O número de empregos no ano passado também ficou abaixo da segunda melhor marca anual registrada em 2004, de 1.523.276 de novos empregos.

De acordo com o Caged do Ministério do Trabalho, em todo o país foram admitidos 16.659.332 trabalhadores, mas as demissões somaram 15.207.128.

Segundo o Caged, o setor de serviços liderou e bateu recorde na criação de vagas no ano passado, com 648.259 postos líquidos no período. Em segundo lugar ficou o comércio, com 382.918 vagas, seguido pela construção civil, com 197.868 empregos. Em quarto lugar aparece a indústria de transformação, com 178.675 postos criados, seguido por agricultura, com 18.232 vagas formais criadas.

ESPECIALISTAS VÊM DEMISSÕES AINDA RESTRITAS

20/01/2009 – Valor Econômico

Desde que a crise internacional começou a afetar a economia brasileira, o mercado de trabalho registrou volumes expressivos de demissões, que somaram 695,8 mil postos com carteira assinada entre novembro e dezembro, segundo o Ministério do Trabalho. Com os cortes, ocorridos em todos os setores, o emprego formal cresceu 5% no país em 2008, mas o índice poderia ter chegado a 6% se o volume de dispensas em dezembro tivesse se mantido na média histórica de 300 mil postos.

O volume recorde, porém, não configura o ápice do efeito da crise econômica mundial sobre o emprego no Brasil. Especialistas ouvidos pelo Valor avaliam que as demissões em massa ainda estão circunscritas a poucos setores: cadeia automotiva, comércio (com a não efetivação de temporários), setor siderúrgico e grupos que registraram perdas com derivativos. Para eles, ainda é cedo para dizer que a onda de desemprego se disseminou.

"As demissões têm pipocado, mas ainda não configuram um movimento generalizado. Mas se um volume tão expressivo de cortes se repetir em janeiro, aí pode-se dizer que há uma crise de desemprego", afirma o professor do Instituto de Economia da Unicamp Cláudio Dedecca, que prevê para os três primeiros meses do ano volumes de demissões inferiores ao de dezembro. Dados divulgados por sindicatos e empresas indicam que a maior parte das demissões está concentrada na cadeia automotiva e é explicada pelo cenário macroeconômico. A crise de crédito derrubou as vendas globais de veículos, causando a perda de 35 mil postos de trabalho nas dez maiores montadoras do mundo. No Brasil, o maior corte ocorreu na General Motors, que encerrou o contrato de 744 trabalhadores temporários, e na Volvo, que dispensou 250 temporários e outros 180 efetivos. Segundo dados da Anfavea, a produção brasileira caiu 25,1% no quarto trimestre de 2008, com redução de quase 200 mil veículos ante a média dos últimos três meses de 2007.

A falta de perspectivas em relação ao mercado no médio prazo levou as montadoras a reduzirem encomendas às indústrias de autopeças e a renegociarem cláusulas trabalhistas com os sindicatos. Dos 28,3 mil metalúrgicos dispensados no país, pelo menos 16 mil trabalhavam no setor de autopeças - a maioria, no mesmo período de 2007 e de 2006, cancelava férias coletivas e contratava trabalhadores para atender à demanda. Outro volume significativo de cortes ocorreu no setor siderúrgico, que sofre com a queda de demanda no mercado externo. Outros dois setores que efetuaram demissões em larga escala em função do encolhimento da demanda foram o setor químico e o de eletroeletrônicos, mas mais influenciados pela demanda no mercado interno.

A queda na demanda internacional e em preços também provocou cortes em vagas nas áreas de alimentação e papel e celulose. Nesses setores, um fator extra estimulou

os cortes: os prejuízos com especulação em derivativos. No setor de papel e celulose, a Aracruz reviu seus projetos de expansão e produção após obter despesa financeira líquida de R\$ 2,5 bilhões no terceiro trimestre, sendo R\$ 2 bilhões referentes a perdas com derivativos. O ajuste obrigou o Grupo Plantar (que fornece mudas à Aracruz) a demitir 750 funcionários e a Vix Logística (transportadora) a cortar 60 postos.

No setor de alimentação, os frigoríficos que exportam carne de frango realizam paradas técnicas nas fábricas e pretendem reduzir a produção em torno de 20% até normalizarem os estoques. Os cortes mais graves ocorreram em empresas que fornecem frangos à Sadia e tiveram contratos cancelados. A Globoaves dispensou 460 pessoas em dezembro; o Frigorífico Mercosul dispensou 450 pessoas e a Nicolini, outros 300 funcionários. A Sadia teve, até o terceiro trimestre, perdas de R\$ 545 milhões com derivativos e despesa financeira de R\$ 1,2 bilhão, incluindo perdas com aplicações em títulos de crédito do banco Lehman Brothers.

"Na indústria, a grande redução em demanda e produção ocorreu na cadeia automotiva. Mas há preocupação de que essa onda de demissões se generalize", observa o professor do Instituto de Economia da Unicamp, Fernando Sarti. Para ele, as indústrias têm ajustado o quadro de funcionários porque estão de olho no fluxo de caixa, mais do que na perspectiva de demanda futura. Afinal, diz, a oferta de crédito escasseou e encareceu e há dificuldades para zerar estoques. "O único custo variável que as empresas podem manejar neste momento é a folha de pagamentos e muitas preferem dispensar temporários para ter fluxo de caixa."

Para Sarti, existe ainda um interesse político dos empresários de obter mais benefícios fiscais e conseguir que o governo flexibilize direitos trabalhistas. "O risco de demissões forçará os sindicatos e os trabalhadores a aceitarem propostas menores de reajustes de salário, favorecendo novamente as empresas no médio prazo", observa Sarti.

Para o diretor de pós-graduação do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), David Kupfer, o aumento no custo unitário do trabalho, que chegou a 10,9% em novembro, indica que haverá novas demissões. Para ele, a retração no mercado de trabalho será mais longa do que se espera, a menos que o governo defina medidas para acelerar a economia, como a redução do superávit primário (em 2008 em 4,3% do PIB), isenção fiscal e investimentos em infraestrutura.

PARA GERENTE-EXECUTIVO DA CNI ALTERNATIVAS FLEXÍVEIS PODEM EVITAR DEMISSÕES

20/01/2009 – Agência CNI

Os mecanismos de flexibilização contidos na legislação trabalhista, como a redução da jornada e a suspensão temporária dos contratos de trabalho, podem e devem ser usados pelas empresas para evitar as demissões durante a crise, afirmou nesta terça-feira o gerente-executivo de Política Econômica da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Flávio Castelo Branco. "São alternativas melhores do que fazer ajustes mais drásticos no emprego. Elas são flexíveis e pragmáticas em um momento de crise e não são permanentes", disse Castelo Branco, durante a divulgação da pesquisa Indicadores industriais referente a novembro de 2008.

O emprego industrial teve, em novembro, a primeira queda depois de 31 meses consecutivos de altas. Em relação ao mês de outubro, a queda foi de 0,6%, no índice

livre de variações sazonais. "O ajuste produtivo no final do ano está sendo mais forte do que o esperado. A crise está sendo mais rápida", disse Castelo Branco. No ano, o emprego mantém aumento de 4,2% na comparação com os primeiros 11 meses de 2007.

De acordo com Castelo Branco, as indústrias de diversos setores já começaram a fazer os ajustes necessários, na produção e no emprego, para se adequar ao novo ritmo de atividade econômica. "É possível que as empresas, em virtude das expectativas ruins provocadas pela crise e pelos estoques altos, tenham concentrado os ajustes de pessoal em novembro e dezembro e nos dois primeiros meses deste ano", explicou.

No entanto, disse o economista, esse ajuste pode ainda se estender por mais tempo. Ele lembrou que as projeções macroeconômicas feitas pela CNI no fim de 2008, que apontam para um crescimento de 2,4% do PIB neste ano, levam em conta um ajuste feito ao longo de todo o primeiro semestre.

Castelo Branco afirmou que a manutenção do nível de emprego é de suma importância para a atividade econômica, principalmente por conta da manutenção do nível de renda e do consequente nível de consumo.

Expectativas

O gerente-executivo de Política Econômica da CNI argumentou que, se as expectativas tiverem uma melhora nesse início de ano, a recuperação pode ser mais forte e em menor tempo. De acordo com ele, a retomada das expectativas se dará se diversos fatores acontecerem, tais como a queda nos juros básicos, a receptividade, pelos investidores e pelos mercados reais e de ativos, da nova administração norte-americana, de novos incentivos à retomada do crédito e investimentos em infraestrutura feitos pelo governo brasileiro.

Um grande impulso nas expectativas internas, segundo Castelo Branco, será a retomada, pelo Banco Central (BC), da trajetória de queda dos juros. "Avaliamos que uma redução de um ponto percentual na reunião de amanhã é possível. E há espaço para mais reduções no futuro próximo", afirmou.

VENDA DA INDÚSTRIA CAI 9,9% EM NOVEMBRO ANTE OUTUBRO DIZ CNI

20/01/2009 – Valor Econômico

As vendas reais da indústria brasileira caíram 9,9% em novembro perante outubro, pelo critério dessazonalizado. É a maior variação negativa desde março de 2003. Na série sem ajuste, porém, houve aumento de 13%, informou a Confederação Nacional da Indústria (CNI). Ante novembro de 2007, as vendas reais se contraíram em 7% - a primeira baixa na comparação anual desde dezembro de 2006. Nos 11 primeiros meses do ano passado, porém, houve crescimento de 6,4% perante igual intervalo do calendário anterior.

Em relatório, a CNI diz que "a crise internacional foi decisiva para o recuo" do faturamento industrial em novembro.

Foi determinante para a queda no faturamento a retração nos setores de veículos, metalurgia básica, bens de capital e alimentos e bebidas, cujos setores foram responsáveis por 62% do recuo do indicador.

INDÚSTRIA ESPERA CORTE VIGOROSO NOS JUROS, AFIRMA PRESIDENTE DA CNI

20/01/2009 – Agência CNI

A redução dos juros é a medida mais urgente e decisiva para estimular a economia e assegurar o emprego. A afirmação foi feita hoje pelo presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Armando Monteiro Neto. Segundo ele, o Brasil é o único país que mantém os juros em patamares muito elevados. Por isso, a indústria espera que o Comitê de Política Monetária (Copom) promova um corte vigoroso na taxa básica, na reunião que ocorre hoje e amanhã. “É preciso que os juros caiam e se ajustem à realidade do mundo”, destacou. “Todos os bancos centrais do mundo já cortaram os juros.”

Monteiro Neto lembrou que a extinção de quase 655 mil empregos no país registrada em dezembro pelo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), do Ministério do Trabalho, confirma a retração da atividade e dá uma idéia do impacto da crise internacional sobre a economia brasileira. Por isso, recomendou ele, as medidas de estímulo à produção e ao emprego que estão sendo cogitadas pelo governo devem ser implantadas rapidamente.

De acordo com o presidente da CNI, o governo prepara um pacote de medidas de estímulo à construção civil, um setor que demanda muita mão-de-obra e matérias-primas produzidas no país. “A construção civil, seja na área de obras de infraestrutura ou de habitação, pode dar uma contribuição importante para sustentar o emprego.” Ele disse que outras medidas de desoneração fiscal, como a redução do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) para os veículos, também ajudarão a estimular a produção, o consumo e o emprego.

Para Monteiro Neto, o Brasil precisa ter uma agenda que combine medidas em diversas áreas. Tais medidas devem ser tomadas rapidamente para minimizar os custos sociais da crise e devem ter a contribuição de todos: governo, empresários e trabalhadores.

'INFLAÇÃO DAS FÉRIAS' É A MAIS ELEVADA EM QUATRO ANOS

19/01/2009 – Gazeta do Povo

A inflação dos produtos e serviços mais consumidos durante as férias escolares atingiu em 2008 o maior patamar dos últimos quatro anos. Estudo realizado pelo economista da Fundação Getúlio Vargas (FGV) André Braz mostra que o reajuste médio de preços nesse segmento no ano passado, que foi de 6,22%, também ficou acima da inflação média apurada pelo Índice de Preços ao Consumidor - Brasil (IPC-BR), que subiu 6,07% no ano passado.

A FGV mostrou que, entre as altas mais expressivas foram registrados aumentos, em 2008, nos preços de circo, parque de diversão e ringue de patinação (18,09%), teatro (13,37%) e show musical (12,83%). Ainda de acordo com a fundação, as taxas acumuladas de inflação desses três itens no período de 2004 a 2008 foram, respectivamente, de 65,64%; 58,66%; e de 58,84%.

Dentro do setor de alimentação, houve destaque para as altas nos preços dos sanduíches, que subiram 9,54% no ano passado, e acumulam aumento de 48,85% de 2004 a 2008; para o preço do sorvete, que subiu 5,07% no ano passado, e acumula

avanço de 24,15% em quatro anos até 2008; e refrigerante, que teve aumento de 6% no ano passado, e subiu 35,22% de 2004 a 2008. Outro destaque também foi o comportamento de preços de hotéis, passagem aérea e excursão, que subiram 15,36% no ano passado.

LULA DIZ A CENTRAIS QUE SE REUNIRÁ COM BANCOS PÚBLICOS PARA DISCUTIR SPREAD

20/01/2009 – Valor Econômico

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva avisou ontem aos presidentes das principais centrais sindicais que vai se reunir, amanhã, com os dirigentes de bancos públicos para discutir taxa Selic e o spread bancário, "os dois principais problemas do país", nas palavras de Lula, segundo relato dos sindicalistas. Participaram do encontro com o presidente os dirigentes das seis maiores centrais sindicais.

De acordo com participantes da reunião, Lula se disse decepcionado ao constatar, após retornar das férias, que os juros cobrados pelo Banco do Brasil estão entre os maiores do mercado. "Eu não posso adiantar para vocês o que será feito, para não haver interferência no funcionamento dos bancos. Mas algo precisa e vai ser feito", assegurou Lula, segundo relato do presidente da Força Sindical, Paulo Pereira da Silva, o Paulinho.

Antes do início da reunião, os sindicalistas afirmaram que cobriam do presidente a redução da taxa básica de juros (Selic), de impostos e do superávit primário e também a chegada do crédito às micro e pequenas empresas para evitar demissões.

Segundo os sindicalistas, Lula fez uma análise da crise, mostrando que os fundamentos da economia brasileira estão bons. "O problema é o crédito. A situação se agravou ainda mais quando empresas brasileiras, que pegavam dinheiro no exterior, se viram obrigadas a fazer empréstimos com bancos nacionais, o que forçou o aumento do spread", teria dito Lula.

O governo também deve apresentar, na próxima semana, propostas de alteração nas regras do seguro-desemprego. As centrais querem que o benefício, que hoje é pago por um período de três a cinco meses, seja estendido. A Força Sindical, por exemplo, defende dez meses. Segundo os sindicalistas, o ministro do Trabalho, Carlos Lupi, prometeu novidades para a próxima semana, sem especificar quais.

A única decisão já tomada é de que não será possível retroagir a medida a dezembro, caso alguma mudança seja de fato implementada. Setores do governo defendem, segundo Paulinho, a vinculação do recebimento do benefício à qualificação do profissional.

Outro pedido dos sindicalistas que poderá ser analisado pela equipe econômica é a possibilidade de condicionar medidas de desoneração fiscal à garantia da manutenção dos empregos. O presidente da Força Sindical acusou o ministro da Fazenda, Guido Mantega, de "fazer caridade com o chapéu alheio", ao conceder desonerações a setores que demitiram trabalhadores posteriormente.

Durante a reunião, Lula assegurou aos sindicalistas a manutenção do acordo para o reajuste do salário mínimo. A partir de 1º de fevereiro, ele valerá R\$ 465, reajuste que representa 5,7% de ganho real (sobre a inflação). (Com agências noticiosas)

ARCELOR MITTAL SUSPENDE CONTRATO DE 1,3 MIL EM BH

20/01/2009 – Gazeta Mercantil

A Belgo Bekaert, controlada pelo grupo Arcelor Mittal, assinou ontem com o Sindicato dos Metalúrgicos de Belo Horizonte, Contagem e São Gonçalo acordo para a suspensão temporária dos contratos de trabalho de 1.300 funcionários da unidade de Contagem. Pelo acordo, aprovado por 628 funcionários (75% dos participantes que compareceram à votação), os empregados terão o contrato suspenso de forma escalonada, entre três e cinco meses, no período de um ano. Além da bolsa qualificação, eles receberão 55% do salário nominal. Em São Paulo, também foi aprovado a acordo para suspensão temporária dos contratos, por cinco meses, de 48 trabalhadores da Basso Componentes. Além da bolsa de qualificação, eles receberão o complemento salarial pela empresa, além de cesta básica, convênio médico e odontológico.

Não tiveram a mesma sorte os 160 metalúrgicos da Tyco Dinaço, também situada em São Paulo. A empresa fechou a empresa e demitiu todos os funcionários. Ontem, os empregados ocuparam a fábrica durante a manhã, para exigir o pagamento dos direitos trabalhistas e um pacote de benefícios. Segundo informou o Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, a empresa apresentará uma proposta hoje. Também houve paralisação na Bor e Barrote Ortega, em São Paulo, devido ao não pagamento da participação nos lucros ou resultados de 2008 (R\$ 450) e da não concessão de férias vencidas. Hoje, haverá assembleia de greve na Delga, também de São Paulo, que anunciou a demissão de 120 pessoas. O presidente do sindicato, Miguel Torres, afirmou que a situação em São Paulo é complicada, sobretudo no setor de autopeças. "Hoje estamos negociando com 98 empresas, que empregam 18,5 mil trabalhadores e provavelmente já teriam demitido se não houvesse flexibilidade na negociação."

A operadora ferroviária MRS Logística também anunciou a demissão de 180 a 200 trabalhadores em São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Em nota, a empresa informou que cortes representam 5% do atual quadro de funcionários.

Outro acordo já esperado foi concluído em Taubaté (SP), pelos 4 mil metalúrgicos da Volkswagen, que aprovaram acordo garantindo a efetivação de 650 temporários e a redução de jornada em 25 dias no ano, sem redução de salários, informou o Sindicato dos Metalúrgicos do município. Os sindicatos de metalúrgicos da região de Campinas, Limeira, Embaixada Santista e São José dos Campos, que representam juntos 130 mil metalúrgicos, decidiram ontem traçar ações conjuntas para evitar demissões. As primeiras ações previstas são um ato em São José dos Campos no dia 24 e passeata em frente à Fiesp, em São Paulo, no dia 12.

FIAT FICARÁ COM 35% DA CHRYSLER EM PARCERIA DE TECNOLOGIA E VENDAS

20/01/2009 – Valor Econômico

As montadoras Fiat e Chrysler confirmaram hoje ter chegado a uma aliança, pela qual a empresa italiana ficará com uma participação de 35% na americana. A transação não envolve investimento em dinheiro, nem compromisso de financiamento futuro. Em vez disso a Fiat oferecerá à Chrysler parceria em tecnologia e distribuição.

De acordo com comunicado conjunto das companhias, a Chrysler terá acesso a plataformas de produção de veículos mais econômicos, compactos e competitivos, vai melhorar a distribuição em mercados importantes fora dos Estados Unidos e

conseguirá cortar custos. Além disso, a Fiat promete ajudar a americana a desenhar e implementar um plano de saneamento das contas, assim como ela mesma se reestruturou nos anos passados.

" O acordo vai oferecer a ambas companhias oportunidades para ganhar acesso aos mais importantes mercados automotivos, com uma oferta de produtos inovadores e amigáveis ao ambiente " , comentou o presidente da Fiat, Sergio Marchionne. Já o principal executivo da Chrysler, Bob Nardelli, ressaltou que o negócio dará à sua empresa benefícios estratégicos, " incluindo acesso a produtos que complementam o atual portfólio, uma rede de distribuição fora da América do Norte e economia de custos em design, engenharia, produção, compras e vendas, e marketing " .